

# Bomba explode em

Polícia prende brizolista suspeito de

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, terça-feira, 30 de junho de 1987 3

# supermercado de Nova Iguaçu

agredir (Sarney) e apura ligação entre os dois atentados

Rio — Uma bomba explodiu ontem à tarde no interior de um supermercado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, deixando três pessoas feridas. A Polícia Federal, que foi acionada pelo próprio SNI, para investigar o atentado, está apurando indícios de correlação entre a explosão e as manifestações de quinta-feira, na Praça XV, contra o presidente José Sarney. Ontem à noite, o DPF confirmou que o primeiro suspeito de ter "incitado" as manifestações está preso e incommunicável. Ele é o assessor técnico do ex-governador Leonel Brizola, Danilo Groff.

A explosão da bomba no supermercado, localizado na Avenida Nilo Peçanha, em Nova Iguaçu, foi confirmada por um policial da 52ª Delegacia, que não quis se identificar. Ele acrescentou que as três pessoas feridas — Marinalva de Souza Santos, 21 anos; Oswaldo Luiz Pereira, 17 anos; e Marieta Moreira de Souza foram atendidas na Casa de Saúde Dom Walmer.

Depois de vários desmentidos e contradições quanto às condições em que Danilo Groff foi conduzido às dependências da PF, finalmente, já às 7 horas da noite, o assessor de Comunica-

ção Social, Geovani Azevedo, comunicou que o gôcho, amigo pessoal de Brizola, é signatário da Carta de Lisboa, que deu origem ao PDT, estava realmente preso, e que nestas condições tinha sido transportado de sua casa, na Av. Olegário Maciel, 30/209, na Barra da Tijuca, por volta de duas da tarde.

Desde o momento da prisão, feita por oito agentes, comandados pelo próprio delegado que preside o inquérito, Carlos Mandim de Oliveira, até as sete da noite, quando foi comunicada oficialmente a imprensa a sua detenção, Danilo Groff esteve na sala de reconhecimento, onde foi apontado como um dos líderes das manifestações contra Sarney, pelo instalador de letreiros luminosos, José Paulo Herrera, de 26 anos, que se apresentou espontaneamente à Polícia Federal, como testemunha, e um capitão da PM que teve apenas o nome Jairo divulgado. Tanto o oficial, como Herrera, saíram das dependências da Polícia Federal de maneira a que não fossem percebidos pela imprensa. Depois de reconhecido, Danilo Groff, que foi um dos responsáveis pela parte técnica do comício das Diretas Já, em 83, no Rio de Janeiro, foi, então,

identificado criminalmente, indiciado nos artigos 26 e 27 da Lei de Segurança Nacional, por calúnia, e difamação, além de ofensa à integridade física do Presidente da República. Ele ficará incommunicável por cinco dias, quando terá o acompanhamento somente dos cinco advogados que o estão assistindo, orientados pelo ex-secretário de Polícia Civil, Nilo Batista. De Depois, ele poderá permanecer preso por mais 30 dias, quando o inquérito deverá estar concluído e sendo remetido à Justiça Militar, para o julgamento.

Apesar dos desmentidos feitos pela Assessoria de Comunicação Social da Polícia Federal, de que Groff não estaria preso, mas que apenas teria sido intimado a comparecer às dependências do órgão, na Praça Mauá, às cinco da tarde já se podia ter praticamente a certeza de que aquelas informações não correspondiam à realidade. Isto porque, nem mesmo a vereadora do PDT, Dilza Terra, e o ex-deputado federal do mesmo partido, Jacques Dornellas, puderam subir ao terceiro andar para uma "visita de solidariedade ao correligionário". Revoltada, a vereadora falava que

"esse era um retrato da falsa democracia em que vive o País, com pessoas presentes a uma manifestação popular sendo incriadas apenas por denúncias de não se saber quem, com base em leis de exceção".

T a m b é m o e x - parlamentar acompanhou o coro de revolta e afirmou que "isso (a prisão) so pode ser para atingir o Brizola".

Depois de passar todo o dia postado à entrada da Polícia Federal, dezenas de repórteres, impedidos até mesmo de entrar nas dependências do órgão, com entrevistas sendo feitas na própria calçada, em frente, na Av. Rodrigues Alves, só tiveram a notícia oficial da prisão em entrevista coletiva que deveria ter sido concedida pelo superintendente Fabio Wailerley Calheiros, mas que acabou sendo dada mesmo pelo assessor de Comunicação Social, Geovani Azevedo. Em tom laconico, dizendo que "queria dizer tudo em poucas palavras, e que o superintendente não estaria ali para entrevistas", revelou que Danilo Groff estava preso, incommunicável, e que mais não poderia adiantar.

## Montoro: É cedo para condenar

"É uma leviandade atribuir os incidentes do Rio de Janeiro, sem prévia investigação, a quem quer que seja". Este foi o comentário feito pelo ex-governador Franco Montoro, de São Paulo, a respeito das afirmações segundo as quais o presidente do PDT, Leonel Brizola, estaria envolvido nas agressões contra o ônibus em que viajava o presidente José Sarney.

Na opinião de Montoro, é preciso distinguir entre uma manifestação pacífica, que deve ser respeitada, e a agressão pura e simples, como teria ocorrido no Rio de Janeiro. "No último caso, a gravidade do episódio pode comprometer até mesmo a transição democrática", frisou.

Ele defende a "investigação rigorosa" do incidente para que se verifique se teria sido um ato premeditado contra a integridade física de Sarney ou apenas uma manifestação excessiva de insatisfação popular. E advertiu: "Se houver interesse neste sentido, é perfeitamente possível descobrir a origem do episódio".

## ESTIMULO

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, acusou, ontem na Escola de Guerra Naval, do Rio, o ex-governador Leonel Brizola de ter "estimulado" os autores dos incidentes ocorridos na última quinta-feira na Praça XV com o Presidente Sarney. "O Brizola tem senso bastante para não mandar fazer isto, mas, talvez, ele tenha estimulado", afirmou.

Favorável à aplicação da Lei de Segurança Nacional, aos acusados de terem praticado violência, Antônio Carlos Magalhães, mesmo sem estar presente à manifestação, aponta como responsáveis "pessoas ligadas à Brizolândia (grupo de pedetistas que reúne-se, tradicionalmente, na Cinelândia) e a Central Única dos Trabalhadores — CUT, garantindo, ainda, que diversos parlamentares foram testemunhas e estariam dispostos a depor. O ministro acredita que o regime tem plenas condições políticas de absorver o incidente sem provocar crises institucionais, ressaltando, contudo, que devem ser tomadas "providências" no sentido de punir os culpados.

## Só Brossard vai dar informações

O ministro Paulo Brossard despachou ontem pela manhã com o presidente José Sarney, quando lhe fez um relato detalhado sobre o andamento do inquérito. A tarde, Brossard se reuniu com o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma. Nessa reunião, ficou decidido que todas as informações sobre o inquérito serão centralizadas no gabinete do ministro. Agora, só o próprio Brossard está autorizado a falar sobre o inquérito. O ministro voltou a condenar o incidente de quinta-feira, classificando-o como uma "manifestação selvagem, um recurso à violência substancialmente antidemocrático". Ele comparou o atentado sofrido pelo Presidente com atos dos regimes fascista e nazista, que utilizavam-se da violência para amedrontar suas vítimas. Brossard não quis atribuir a autoria do atentado a nenhum partido político, mas a grupos envolvidos em processos antidemocráticos.

## "É picaretagem", diz advogado

Rio — "Essa picaretagem está me parecendo mesmo é picaretagem", este foi o desabafo feito ontem, na porta da Polícia Federal, na Praça Mauá, pelo advogado Nilo Batista, um dos cinco defensores de Danilo Groff. Revoltado, considerando que a apuração dos fatos que ocorreram na Praça XV, deveria ser de competência da Justiça comum, o ex-secretário de Polícia Civil afirmou que, se era para se usar "esse entulho autoritário, então o faria, ele também, até o fim, pedindo as prerrogativas do artigo 35, da Lei de Segurança Nacional", garantindo prisão especial para seu cliente. Para Nilo Ba-

tista, "essa é a prova viva de que os governantes só sabem conviver com as palmas, quando, então, usam a democracia, o que não ocorre quando acontecem manifestações de desagrado como as de quinta-feira".

Nilo Batista assegurou que seu cliente passava bem, era bem tratado, revelando apenas um pequeno incidente entre a esposa do acusado, dona Ione, e um dos oito agentes que foram à sua casa, na Barra da Tijuca. Segundo o advogado, a esposa de Danilo Groff reclamava aos prantos da arbitrariedade da prisão, querendo que exibissem o respectivo mandato, quando recebeu ordem de

calar-se, partida de um policial. A mulher retrucou afirmando que não iria calar-se, pois, estava em sua casa, mas, o incidente não prosseguiu.

O ex-secretário da Polícia Civil revelou, também, que esteve reunido pela manhã, com o presidente regional do PDT, Bayard Boiteaux, quando ficou claro que o partido não "concordava com o apedrejamento às autoridades, nem tam pouco acreditava que Danilo Groff participasse de atos de baderna".

Para Nilo Batista, a Lei de Segurança Nacional permite que sejam movidos processos como esse, "marcados pelo sinete de delatores interesseiros".

## Cariocas desaprovam a agressão

Setenta e sete por cento dos cariocas desaprovam a agressão ao presidente José Sarney, na última quinta-feira, no Rio de Janeiro, quando visitava o Paço Imperial. Vinte e um por cento aprovaram a agressão. Este é o resultado de uma pesquisa encomendada pelo Palácio do Planalto à LPM — levantamentos e Pesquisas de Marketing Ltda, realizada nos dias 26 e 27, passados e compreendendo um universo de 500 pessoas de todas as classes sociais, em idade de 18 a 65 anos.

A pesquisa, entregue ao presidente José Sarney no domingo, indica ainda que 43% das pessoas acreditam que o atentado foi premeditado e outras 43% acham que não foi. Dos peemedebistas pesquisados 58% entendem que a manifestação foi preparada enquanto que dos filiados ao PDT 76% acreditam que a agressão foi espontânea. A pergunta "quem foi responsável pelas agressões?", 64% dos entrevistados não souberam responder; 13% acreditam que foram "bader-

neiros"; 10% responsabilizam o PDT e brizolistas; 4% a grupos políticos; 2% afirmam que foi a CUT e a CGT enquanto 2% acham que foi o próprio Governo o responsável pelas agressões.

"As agressões ao Presidente representam a opinião dos cariocas?", foi uma das perguntas da pesquisa da LPM a qual 56% responderam que não; 37% que sim e 7% não souberam responder. Das pessoas ouvidas, 78% responderam que o presidente José Sarney deve voltar a visitar o Rio de Janeiro, 13% acham que não deve e 9% não souberam responder.

Do total de pessoas entrevistadas, 63% responderam que o presidente da República deve ser tratado com respeito; 19% acham que deve ser com manifestações de protesto; 8% acham que com indiferença, 3% com entusiasmo, e 8% acham que o Presidente deve ser tratado sem qualquer preocupação especial. Uma outra pesquisa, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da

Administração Pública (Secaf) ao Instituto Gallup de Pesquisas, mostrou que 50% dos paulistas aprovam o novo Cruzado enquanto 39% desaprovam as recentes medidas econômicas. Todos os indicadores de popularidade desta pesquisa demonstram uma melhora na posição do presidente Sarney, diante da opinião pública paulista, após o novo Cruzado, como a curva que indica o nível de confiabilidade que antes das últimas medidas econômicas registrava 24% e depois passou a registrar que 48% dos entrevistados confiam no Presidente no que se refere à condução dos problemas econômicos.

Na época do Cruzado I, em março de 86, as pesquisas indicavam que 96% dos entrevistados aprovavam as medidas econômicas então adotadas e apenas 2% desaprovavam. No Cruzado II, em novembro de 86, dos entrevistados pelo Gallup, 66% desaprovaram as alterações no plano econômico do Governo enquanto que 26% aprovaram.

## Pelé solidário com o Presidente

O presidente José Sarney afirmou ontem ao ex-jogador Edson Arantes do Nascimento — Pelé — que estava muito "triste" com a manifestação de quinta-feira, à noite, na Praça XV, no Rio de Janeiro, onde a comitiva presidencial foi apedrejada. Sarney garantiu a Pelé que vem fazendo todos os esforços para tirar o Brasil da atual situação crítica e recebeu a solidariedade do ex-jogador.

Pelé, que foi levar uma bola para o neto de Sarney, José Sarney Neto, em comemoração aos 30 anos de conquista da Copa do Mun-

do, disse que não aceitava movimentos de agressividade no Brasil, como o que ocorreu no Rio de Janeiro, porque o País caminha para uma democracia total, e, para consolidar o processo democrático, fatos dessa natureza não podem ocorrer.

O ex-jogador, que fez um relato ao presidente Sarney sobre suas viagens no exterior como exbaixador brasileiro do turismo, negou que tenha feito críticas à atual política do País, em entrevista recente, alegando que todo mundo sabe de sua colaboração nos últi-

mos 30 anos ao desenvolvimento do Brasil. Ele reconheceu que a situação é difícil, mas que o País, com certeza, vai vencer.

Pelé, que esteve com o rei da Espanha, dom Juan Carlos, fez um relato da situação do Brasil, porque não acha que o momento atual deva ser escondido de ninguém. Ele disse, inclusive, depois de fazer o relato, que Sarney ficou muito satisfeito com o resultado do encontro dele com o rei. Pelé também acha que o povo tem razão em estar insatisfeito, mas só não concorda com a violência.

## PMDB condena o uso da LSN

O PMDB quer os agressores do presidente Sarney enquadrados na lei ordinária e não na lei de segurança nacional. A posição do partido foi colocada na sessão da Câmara dos Deputados, ontem, pelo deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), que, falando pela liderança, disse que "os remédios da lei ordinária, aplicáveis a um ordinário caso de arruaça, podem circunscrever-se aos limites adequados para que o processo da transição prosiga sem quaisquer efeitos negativos para a reafirmação democrática".

Na mesma sessão, o líder do PDT, deputado Brandão

Monteiro (RJ), comunicou ao plenário a prisão do coordenador do Comitê Pró-Diretas do partido, Danilo Groff. Como falava durante uma homenagem ao ex-deputado Rubem Paiva, morto pelos órgãos de repressão da ditadura militar, o líder manifestou sua preocupação de que a prisão do militante pedetista, segundo ele sem mandato judicial e com agressões à mulher de Groff, significasse "o começo do fim da transição", com o surgimento de outros "Rubens Paivas".

## DE CATEDRA

O presidente nacional do

Partido dos Trabalhadores, Luiz Ignácio Lula da Silva (SP), repudiou a "tentativa sórdida de se tentar acusar o PDT e o ex-governador Leonel Brizola", destacando que falava com a experiência de quem teve seu partido acusado pela tragédia do Leme (SP), onde um trabalhador rural foi morto, e pelos assaltos a bancos em Salvador, sem qualquer prova. "É importante ficar registrado que houve agressões ao Presidente da República. Mas muito mais grave é a picaretagem contra o povo brasileiro, que esse Plano Bressler está levando a grande sacrifício".